

A UMA VEZ EM PORTO DE PEDRAS: MEMÓRIAS DE VELHOS EM UM MUNICÍPIO DE ALAGOAS

Nikelly Ferreira Santos¹

Jesana Batista Pereira²

Psicologia



**cadernos de
graduação**
ciências humanas e sociais

ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

A presente pesquisa teve como tema a memória de velhos, moradores de um município de Alagoas: Porto de Pedras, localizado entre o mar e uma encosta de pedras ao Norte do estado em que a colonização portuguesa e holandesa contribuiu para o início do povoado. Tentou realizar um registro do imaginário consignado ao lugar da perspectiva da memória dos velhos, bem como suas trajetórias e experiências de vida. Trabalhou-se com o entrecruzamento de elementos culturais provenientes da memória individual, uma vez que toma as narrativas de indivíduos e, da memória oficial inscrita a partir dos registros de cunho documental no âmbito da narrativa histórica. O argumento traça a memória individual como um ponto de vista sobre a memória coletiva, e esta como um ponto de vista sobre a memória histórica.

PALAVRAS-CHAVE

Velhos. Memória. Narrativa.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos na era do envelhecimento, um importante fenômeno social, no qual o Brasil antes referido como um país de jovens vem fazendo sua transição demográfica, o qual abrange aspectos, cronológicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais nesse processo (TEIXEIRA et al., 2015).

Não há memória sem esquecimento. Também podemos falar que, muitas vezes, há memórias omissas, quando o esquecimento é intencional. Portanto, ao contrário

do que geralmente pensamos (e desejamos ter), a memória não é a capacidade de guardar e acumular informações e lembranças com precisão, a memória é o processo de reelaboração de informações e experiências de vida.

Não encontramos na memória o que realmente aconteceu no passado. Isso não é necessariamente um problema, nem inutiliza a memória, muito pelo contrário. É justamente por não encontrarmos em determinada memória o que realmente aconteceu, que outras versões do passado podem ser reivindicadas por diferentes indivíduos e grupos sociais. (SILVA, 2010, p. 328).

A referida pesquisa propôs realizar uma compreensão e reflexão do conhecimento elaborado e compartilhado pelos sujeitos investigados, combinando elementos culturais provenientes da memória individual e da memória coletiva, bem como um documentário a partir das entrevistas que foram filmadas e gravadas durante seu processo de execução. Tratou-se de um estudo qualitativo de cunho exploratório que vem evidenciar a fecundidade do uso da história oral para valorização da memória dos entrevistados.

Segundo Silva (2010, p. 340) “A história oral é fundamental não para dar voz, mas para fortalecer a voz destes sujeitos e grupos desconhecidos, assim como para preencher lacunas de documentação e amplitude dos imaginários”. Ao dar enfoque aos sujeitos em seus contextos sociais e culturais próprios, inicia-se uma produção escrita histórica que valoriza diversos aspectos da cultura e das relações interpessoais, reconhecendo assim que o indivíduo é sujeito de um processo histórico.

A pesquisa teve como objetivo geral resgatar da memória dos velhos sua história individual e a história do lugar onde moram, por meio da contação de histórias. Registrar aspectos da história do lugar, bem como registrar a história de vida dos narradores/sujeitos; inventariar modos de fazer/saber pela memória desses narradores/sujeitos; roteirizar e realizar um documentário a partir das entrevistas que foram registradas e apresentar para a comunidade os resultados da pesquisa se constitui nos objetivos específicos do projeto.

A metodologia da pesquisa no que tange material bibliográfica foi utilizada neste registro fontes principais livros e artigos científicos da base Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Realizou-se uma busca de publicações sobre os temas: Velhice, Memória e Narrativa. Ao eleger a trama da referida pesquisa, considerou-se relevante ressaltar alguns questionamentos como: Memória-Lembrança-Imaginário.

2 METODOLOGIA

Como se tratou de um estudo exploratório utilizou-se para a coleta de dados a entrevista semiestruturada, o teste de associação livre de palavras e a observação sistemática. Os dados coletados foram submetidos à técnica de análise de conteúdo

temática por meio das entrevistas gravadas e filmadas com a anuência dos sujeitos com a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Para conduzir a coleta de dados às entrevistas foram sendo conduzidas no sentido de utilizar linguagem simples, exigindo dos entrevistados respostas verbais e/ou não verbais.

Defende-se desta forma, o uso da História Oral não somente como método de pesquisa, mas também como uma proposta de intervenção que possibilita contar e recontar histórias vividas e presenciadas por indivíduos que as compuseram, muitas vezes, sob o anonimato de suas existências. E para que a coleta seja mais abrangente a pesquisa dispôs do auxílio de observador, gravador e câmera, devidamente acordado no início da pesquisa.

3 ADEQUAÇÕES OCORRIDAS

As adequações ocorridas diz respeito ao que foi verificado na etapa exploratória quanto ao roteiro de entrevista que foi criado no início do projeto. No contato com a realidade vivida dos entrevistados percebemos a necessidade de aprimorar algumas perguntas e manter oito perguntas obrigatórias a serem feitas a todos os entrevistados. Isto se justifica pelo fato, teoricamente fundamentado, de que a memória sobre idêntico fato varia conforme a trajetória e a experiência dos sujeitos. As oito perguntas que permaneceram foram as seguintes:

- 1 - Você pode me dizer qual seu nome todo?
- 2 - Quais as lembranças que você tem da sua infância?
- 3 - Quais as lembranças que você tem dos seus pais?
- 4 - Como é viver em Porto de Pedras?
- 5 - O que mais gosta na cidade?
- 6 - Porto de Pedras carrega alguma história?
- 7 - Quais as pessoas que marcaram sua vida?
- 8 - Quais acontecimentos lhe marcaram e que o (a) senhor (a) irá lembrar sempre?

Cada linha aqui transcrita diante dos relatos registrados traz consigo forma, força, jeito e expressão única e fidedigna que cada narrador apresentou durante as respectivas entrevistas, desde palavreados e contações particulares de um a um, sem modificações ou supostas melhorias.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A memória tem uma função decisiva no processo psicológico, ela permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo "atual" das representações. A memória aparece como força subjetiva, profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Temos memórias-lembranças-imagens de: Amara Silva dos Santos (Marina, 76 anos), José Aluízio da Cunha (Zizo, 98 anos), Marinalva José do Nascimento (Marinalva, 70 anos), Josueu Inácio da Silva (Doda, 72 anos), Maria José Oliveira (Zeu, 55 anos), Givaldi Inácio da Silva (Givaldi, 70 anos) e Maria da Conceição (Maria do Badeco, 96

anos). Narradores que se permitiram e nos permitiu narrar suas respectivas histórias. Em relação a essas atividades desenvolvidas temos os seguintes resultados em termos de material audiovisual e fotográfico documentado:

ENTREVISTADOS	TEMPO
MARINA	33:57
ZIZO	50:21/40:00
MARINALVA	32:17
LAVANDERIA COMUNITÁRIA	30:00
CASA DE FARINHA	30:00
DODA	22:18
ZEU	22:84
MARIA DO BADECO	18:11
GIVALDI	20:01
FOTOGRAFIAS	580

Fala-se da História como o estudo da ação do homem no tempo. Somos de nossas recordações apenas uma testemunha, servindo-se de valores e diretrizes para construir o que é mais individual em nosso processo de construção. Há fatos que não tiveram ressonância coletiva e se imprimiram apenas em nossa subjetividade. E há fatos que, embora testemunhados por outros, só repercutiram profundamente em nós; assim dizemos: "só eu senti, só eu compreendi" (BOSI, 1994, p. 408). As memórias da infância carregam uma subjetividade de ruas largas quase sem margens, pura e marcante.

Fui criado na fazenda, e não por desprezo, mas fui criado com gangorra de pau de barriga cheia e filho do proprietário. (Zizo, 98 anos).

Meu pai era agricultor, a vida para meus pais não foi muito boa, pra mim não foi difícil porque vivi com minha irmã, assim que ela casou fui morar com ela. (Marinalva, 70 anos).

Naquele tempo era muito bom, era bem melhor que agora... Brincadeiras. Naquele tempo era um povo muito bom e hoje não, hoje mesmo se fizer um favor só recebe ingratidão e antigamente não. E também por outro lado era ruim porque meu pai era muito doente e tudo era dependente da minha mãe e isso era ruim. (Zeu, 55 anos).

Penei muito, sofri muito, naquela época era muito ruim, meu

pai tinha uma propriedade mais não tinha para quem vender coco, eu garoto com 10/12 anos. Não passava fome porque tinha peixe, farinha e macaxeira era muita, só comia pão de oito em oito dias. (Doda, 72 anos).

Meu pai tinha um sítio no Patacho e eu morava em Porto de Pedras para estudar e eu vivia aqui e lá, na correria com ele, limpar o sítio, desfrutar, pescava também, convivia com ele naquela luta. (Givaldi, 70 anos).

Sofredora, pedi muita esmola. Minha vida foi aos imboleu, não tinha nem roupa pra vestir. Morrendo de fome, já comi até palha seca para depois tomar água. Sofri muito (Maria do Badeco, 96 anos).

Território traçado um a um, memórias que se desenvolveram a partir dos laços de convivência, seja familiar ou social, memorizador das camadas do passado, tesouros pessoais. Essas lembranças de infância frequentemente estão associadas a uma casa, voltar a ter acesso a esse espaço muito tempo depois, estimula o ato de lembrar. “Fixamos a casa com as dimensões que ela teve para nós e causa espanto a redução que sofre quando vamos revê-la com os olhos de adulto” (BOSI, 1994, p. 435).

A memória permite levantar esquecimentos e omissões. Este trabalho permite que outros indivíduos e grupos tenham destaque, processo este que ressaltamos quanto aos relatos de rememoração sobre os pais, acessando e atualizando lutas reprimidas, valores e crenças deixadas por seus entes. É o presente que determina o que e como lembrar, ação desenvolvida logo a seguir:

Meu pai era agricultor e nada era fácil pra eles. (Marinalva, 70 anos).

Boa pessoa pra mim, minha mãe era tudo pra mim. Ela faleceu há quatro anos e meu pai há muitos anos atrás. Ele era agricultor e minha mãe fazia isso que eu faço mexer com palha de Ouricuri, naquela época não tinha muito trabalho por aqui. (Zeu, 55 anos).

Trabalhador. Meu pai era pescador e minha mãe dona de casa e morava na capital, toda sexta eu tinha que levar peixe e lagosta para ela e dá a bença. Ela gostava muito de mim. (Doda, 72 anos).

Vixe Maria não gosto nem de lembrar, ainda sinto falta deles. As melhores coisas que a gente tem aqui na terra é os nossos

pais. Quem tem seu pai e sua mãe honre por eles que nem diz a bíblia. Só quem é pai e quem é filho sabe. (Givaldi, 70 anos).

Pai cortador de cana e mãe trabalhadora. Depois que ela morreu pedi muita esmola para ajudar meu pai. Fui criada pelo povo. (Maria do Badeco, 96 anos).

A memória não é um sonho, é trabalho, como destacou Ecléa Bosi (1994). Essa atividade exige dos narradores um esforço, que varia do físico ao emocional, isso acaba tomando maior amplitude quando desnuda-se sobre seus genitores, esse trabalho ficou registrado nos olhos marejados e nos embargos apresentados na voz de alguns velhos. É o expor-se e sutilmente redesenhar sua própria história no presente, com a certeza que o passado não muda, mas muda a percepção e o conhecimento que dele já pertenceu. "O silêncio dos idosos podem traduzir o cansaço da luta, mas não uma diminuição da carência dos seres amados" (BOSI, 1994, p. 431).

Balandier (1999) pontua que no mundo composto pela tradição o indivíduo deve se tornar seu próprio produtor de significados, o artesão das representações do mundo onde ele está presente, sob o impulso das circunstâncias, das necessidades imediatas e, também ao sabor das influências sofridas no seu processo de vida. Narrar seu ponto de vista no que tange suas experiências diárias e construções pessoais sobre um local ou cidade.

Eu adoro esse lugar aqui. É um lugarzinho meio estranho mais eu adoro viver aqui. Ele é um pouquinho difícil de tudo, atrasado, mas a gente vai vivendo com as graças de Deus. (Marina, 76 anos).

Vivendo pelo amor. Eu fui vereador três mandatos nessa mercearia, tô com 64 anos nessa mercearia e dois mandatos de prefeito nessa mercearia. Tinha muitos amigos que já se foram. (Zizo, 98 anos).

Já foi melhor, antes podia dormir de porta aberta, hoje não. Eu entrego minha pessoa, meus netos, filhos, toda a minha família nas mãos de Deus, é isso. (Marinalva, 70 anos).

É tranquilo, eu vou à praia, pesco, covo marisco. Eu não saio mais daqui para outro canto, é um lugar calmo. Eu gosto muito daqui. (Zeu, 55 anos).

Pra quem tem trabalho vive bem, agora pra quem não gosta de trabalhar e espera pelos pais e pelas mães aí sofre um pouco, porque tem o de comer mais não tem o que eles precisam para gastar. (Doda, 72 anos).

É um lugar atrasado mais é tranquilo de se viver. Pra quem tem do que viver é muito bom, é especial, um dos melhores lugares. (Givaldi, 70 anos).

Todo mundo gosta de mim, não faço mal a ninguém. E depois que me aposentei ficou melhor (Maria do Badeco, 96 anos).

Cada vida aqui relatada com seus conceitos, predileções e organização de lembranças, memórias e vivências carrega cores, aromas, essências e significados. Em um ambiente doméstico é tudo tão penetrado, detalhado de afetos, móveis, cantos, portas e desvãos, que mudar (esse espaço) é perder uma parte de si; é deixar para trás lembranças passadas e até futuras que precisam desse ambiente para recobrar.

Eu gosto da convivência mesmo, porque sou uma pessoa muito "introversa", sou muito alegre com todo mundo, que seja homem, mulher, criança, adulto. Eu gosto de tudo. (Marina, 76 anos).

Gosto das crianças, toda criança que passa fala comigo, - Seu Zizo, seu Zizo, eu gosto. E da minha família, é muito grande, mais é bem unida. (Zizo, 98 anos).

A tranquilidade, mesmo tendo diferença de anos atrás, ainda tem um pouco de tranquilidade, é isso que encontro aqui. (Marinalva, 70 anos).

É a vivência, é um lugar calmo, eu gosto muito daqui. (Zeu, 55 anos).

Tranquilidade, lugar pacato, gosto de viver aqui. (Givaldi, 70 anos).

Vivo aqui tranquilo, ninguém bole comigo, todo mundo me considera. (Maria do Badeco, 96 anos).

A casa, a mesa, o porta retrato... Tanto dentro deste ambiente, como fora dele (portão, parede, árvores, rua, cidade...) são conhecidos como "os espaços da memória", segundo Bosi (1994), "As lembranças se apoiam nas paredes da cidade". O conjunto dos objetos que nos rodeiam nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade. Elas dão a pacífica impressão de continuidade (BOSI, 1994, p. 441).

As narrativas coletadas quando indagados sobre os elementos culturais e históricos da cidade e suas memórias individuais e/ou coletivas buscou entrecruzar ambos, no qual sendo Porto de Pedras o mais antigo município de Alagoas, o desenrolar

de sua história está totalmente anexado ao de Porto Calvo, não só pela proximidade existente entre ambos, como principalmente pela reciprocidade de interesses e homogeneidade de usos e costumes.

Porto de Pedras sempre foi palco de lutas memoráveis da pátria-mãe, onde em seu solo verteu o sangue de muitos filhos guerreiros, que o doou pela liberdade, em batalhas que jamais serão esquecidas. Uma delas foi ocorrida em 14 de maio de 1633, quando guiados por Calabar, filho de Porto Calvo, entraram os holandeses pela barra de Porto de Pedras com seis navios e oito barcaças, destruindo três embarcações portuguesas, originando uma luta de sérias proporções, momento em que a povoação foi incendiada e muitos de seus habitantes degolados.

Também, outro marco sangrento na vida dos portopedrenses, em que perdas enormes e irreparáveis aconteceram, foi o ocorrido, em Mata Redonda, hoje, engenho do mesmo nome, no dia 18 de janeiro de 1636, onde as forças locais lutaram contra os comandados pelo general Artikchhof, perdendo a vida o general espanhol, D. Luiz de Rojas Y Borja, sucessor de Matias de Albuquerque. Combates pela liberdade sempre foi uma constante na vida de Porto de Pedras, como também pelo desenvolvimento e independência política (VELOSO, 1986, p. 489-493).

Histórias mentirosas, porque histórias de malassombro é história mentirosa, não é história certeza. O bode do Ponte. Era um fazendeiro de engenho que adoeceu e logo depois morreu e depois disso, dizem que ele virou bicho. Ele saía assombrando nas ruas, uivando feito bicho mesmo. Vai saber o que ele fez pra depois de morto virar isso (Marina, 76 anos).

O primeiro farol aqui da cidade era bem alto, que a gente via Japaratinga e Porto Calvo nos pés, quem vinha de Recife avistava primeiro o daqui do que o de Tamandaré, aí era aquela confusão e foi por isso que diminuíram o tamanho dele. (Zizo, 98 anos).

Já ouvi falar, segundo Dona Belmira (que já faleceu), ela contava muita coisa e uma delas é que várias pessoas dormiam no pé de oitizeiro e dentre tantos até Dom Pedro II (Marinalva, 70 anos).

O que meu pai dizia era que aqui em Porto de Pedras era o lugar da 'forca' o povo quando aprontava, fazia algum erro os policiais matavam enforcado. E sobre a comida dos presos também, eles comiam bacalhau salgado com sabão. (Zeu, 55 anos).

Meu pai me contava que tinha escravos na cidade, todo

fazendeiro usineiro tinha escravos nas suas terras. Tinha um Padre aqui que o povo dizia que ele virava lobisomem. Mas ele não virava não, ele só se enrolava de coro de boi e saía pela rua e sempre passava onde tinha mulheres sozinhas. Um dia um homem armado foi atrás dele e aí viu que era o Padre (Doda, 72 anos).

Questões políticas, apesar de ter sido vereador duas vezes eu não me interessei por política, agora seu Zizo é histórico aqui em Porto de Pedras, ali tem história. (Givaldi, 70 anos).

Não me lembro, mas minha mãe contava histórias do tempo de Rei, essas 'doidiças' assim, só pra gente não dormir cedo. (Maria do Badeco, 96 anos).

Os entrevistados resgatam lembranças de suas histórias familiares, vivências que enfatizam seus sentidos de vida como individual e grupo familiar no lugar que sobrevive. Entrecruzar essas histórias com a história da cidade é estar no mesmo lugar das lembranças dos vínculos que o indivíduo estabelece com a família. A cidade e a história é um lugar e um tempo da família. Os acontecimentos marcantes os justificam enquanto narradores ligados diferentemente ao tempo da história oficial da cidade.

Balandier (1999) faz um adendo no que tange o acordo com os tipos de formação social e os períodos, uma das duas parece prevalecer associada à posição dominante de um grupo, de uma ordem ou de uma classe. Globalmente, é a relação com a História que se embaralha. Ela já não mais se configura em uma dupla atribuição de sentido: manifestação de uma direção e de um significado que se revelam ao longo da existência das sociedades e das civilizações. Não existe mais como um movimento de progresso contínuo, de unificação, de avanço no sentido da realização de mundos sociais cada vez mais propícios ao afrouxamento das dificuldades e à realização do indivíduo.

A História parece estar traduzida ao silêncio – não diz e não mostra mais o que está por acontecer. Processo este que Ecléa Bosi desenha muito bem quando relata que diante das entrevistas realizadas as recordações chamam a atenção pelas diferentes observações sobre o mesmo fato, e essas lembranças em contra ponto, é o que embeleza ainda mais as respectivas vidas aqui relatadas.

Os dédalos da memória segundo Balandier (1999) apresenta que a memória “registra” os acontecimentos da nossa existência cotidiana transforma-os em “imagens-lembranças” e assim armazena o passado “pelo único efeito de uma necessidade natural”. É uma espécie de reserva à qual temos acesso cada vez que “retornamos para ali buscar certa imagem, a tendência da nossa vida passada”. É a memória que depende de uma “experiência absolutamente singular”. Imagens-lembranças-Memórias, tríade que sustenta um acesso em uma ou várias situações que carrega um peso

de importância e representação simbólica e real sobre um processo de construção pessoal, aprendizados e ensinamentos.

Meus pais, minha mãe quando morreu eu fiquei pequena, meu pai quando se foi eu já tinha minha primeira filha, depois meus irmãos, os três homens morreram. (Marina, 76 anos).

Meu pai e minha mãe. (Zizo, 98 anos).

Minha sobrinha que morreu. Pra mim ela era minha sobrinha, minha irmã, minha filha, minha comadre. Me marcou muito. Até hoje não posso falar nela que me emociono. (Marinalva, 70 anos).

Essa mulher que eu me criei na casa dela, tenho uma recordação grande. Minha mãe também, ela era tudo pra na minha vida. Sempre a lembrança fica. (Zeu, 55 anos).

Minha família é muito importante, pra mim é. (Doda, 72 anos).

Meus pais. (Givaldi, 70 anos).

Seu Zizo, Márcia e meus vizinhos. Gosto muito deles. (Maria do Badeco, 96 anos).

Acessar essa memória que carrega um arcabouço de sentimento ela suspira presente e não mais representa o passado, ela joga com ele, "prolonga seu efeito nas montagens que compôs e cujo corpo é o lugar, essa confusão de sensações que toma conta do físico e do emocional, são as lembranças transformadas e imagens que a primeira memória conservou" (BOSI, 1994, p. 445). É o "reconhecimento" que tem a função de operador e permite este trabalho, escolhe e torna possível a exploração do que foi assim selecionado durante seu processo de rememorar.

Ao entrar em contato com histórias narradas pelos velhos, há sempre a possibilidade de que novos sentidos sobre o mundo à nossa volta e as transformações que ele sofreu emergem de maneira robusta. O reencontro com fatos, acontecimentos e pessoas que revelam o jeito de ser e de viver, permite reconstruir vivências e experiências do passado com os óculos do presente.

Meu gosto pela dança, às festas em casa que meu pai fazia, festa de São João. Isso vai comigo, forrozinho é comigo mesmo. (Marina, 76 anos).

Com cinco anos perdi uma vista. Meu pai tinha o sentimento e

quando eu fazia ano ele dizia: Olhe meu filho eu tô te devendo o que nunca pago. E eu dizia: Nada meu pai, eu já disse o senhor que já vi o mundo, já estou satisfeito. (Zizo, 98 anos).

Tudo foi importante na minha vida, não consigo lembrar algo específico. Quando me deito é que eu me lembro dos meus entes queridos, que já foram embora, aí às vezes eu desejo tanto sonhar. (Marinalva, 70 anos).

História do Padre Alípio e também que antes os policiais pegavam os presos e penduravam em um pau com as mãos pra cima e quem dava água era eu menino, em caco de coco. (Doda, 72 anos).

Ouvir narrativas como estas não significa que os respectivos narradores aprisionaram-se no passado, mas conduziu-se de forma mais segura e potente para o futuro. Ao narrar a própria história, o passado e o presente transitam juntos o tempo todo, por isso, devolver ao velho a condição de guardião é garantir-lhe um sentido social à medida que passa a se sentir parte do contexto em que vive por meio da narrativa de suas experiências e significados pessoais. A narrativa é composta daquilo que foi lembrado, de como foi narrado, em que circunstâncias foram evocados e está sujeita a esquecimentos e silenciamentos; por isso, mantém um vínculo estreito com a memória. Bosi (1994) retrata o narrador como um indivíduo que tem o talento de narrar, que vem de experiências; suas lições, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de conta-la até o fim, sem medo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos são os mitos que envolvem a velhice. Haja vista, seja considerada a última fase do desenvolvimento humano para todos os que conseguem alcançá-la, enfatizando assim, ser um processo contínuo desde o nascimento. As concepções da velhice nada mais são do que resultado de uma construção social e temporal feita no seio de uma sociedade com valores e princípios próprios, que são atravessados por questões multifacetadas, multidirecionadas e contraditórias. Construção social e cultural, sustentada pelo preconceito de uma sociedade que quer viver muito, mas não quer envelhecer, sendo negado, evitado ou mesmo temido. É apenas uma fase da vida, como todas as outras e não existem marcadores do seu começo e do seu fim. Pois se tornar velho é aceitar a velhice e se orgulhar dos muitos anos que conferem experiência, sabedoria e liberdade.

Na contemporaneidade, florescer do século XXI, ao mesmo tempo em que a sociedade potencializa a longevidade, ela nega aos velhos o seu valor e sua importância social. Vive-se em uma sociedade de consumo na qual apenas o novo pode ser valorizado, caso contrário, não existem produção e acumulação de capital. Nesta

dura realidade, o velho passa a ser ultrapassado, descartado, ou já está fora de moda (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

O processo de envelhecimento estabelece uma correspondência direta entre a maneira como as pessoas envelhecem e a representação que uma determinada cultura institui sobre o envelhecer. Neste sentido, trata-se de um processo que consiste na integração entre as experiências individuais do sujeito e o contexto sociocultural em que se insere. “Trata-se de um fenômeno que apresenta características diferentes de acordo com a cultura, com o tempo e com o espaço e perpassa trajetórias de vida individual, social e cultural” (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008, p. 72). Desta forma pode ser compreendido como um processo complexo e composto pelas diferentes idades: cronológica, biológica, psicológica, social e cultural.

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória destes velhos. A conversa evocativa deles é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador e cultural.

A partir das nuances que permeiam a velhice uma que se faz muito importante e indispensável é a memória e, afinal, qual é a função da memória? Não reconstruir o tempo e não tampouco o anular. Ao fazer cair à barreira que separa o presente do passado realiza-se uma evocação, uma viagem. Hoje a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente. O passado revelado não é o antecedente do presente, é a sua fonte.

A memória dos velhos nesta pesquisa é abordada como uma fonte inesgotável de experiências que fazem emergir as contradições, as rupturas e as continuidades produzidas pela passagem do tempo e pela forma como os modos de viver e sobreviver foram se configurando nas narrativas de Dona Marina, Seu Zizo, Dona Marinalva, Maria do Bafeco, Seu Givaldi, Dona Zeu e Seu Doda, onde cada testemunho desnudou significados e lembranças com referência e base familiar, de memórias coletivas para reconstruções individuais, redesenhando seus valores, crenças e imaginários no presente.

Para resgatá-la, utilizou-se o método da História Oral como uma importante ferramenta que reposiciona esses velhos na sociedade, devolvendo a eles o lugar de testemunha e de narrador das transformações ocorridas em momentos e em grupos específicos nos quais fizeram ou que ainda fazem parte. Em todas estas experiências pôde-se perceber que a memória é, a todo tempo, ativada, seja pelo próprio convite à experiência narrativa, seja pelos temas e subtemas propostos durante a entrevista, utilizada como dispositivo para que outras lembranças e outras histórias pudessem emergir. Valorizar as histórias e experiências vividas que acompanham os velhos durante uma longa trajetória é uma forma de reconhecer aquilo que lhes garante uma posição no mundo e um sentimento de continuidade.

Criticar a memória como fonte histórica não confiável sujeita a distorções pela deterioração física, pela nostalgia da velhice, pela influência de versões coletivas e ideológicas das retrospectivas do passado são aqui nesta pesquisa contestadas. Assim

como a memória é considerada recurso indispensável, o esquecimento e as omissões também são fatos a serem considerados, pois não deixam de revelar a complexidade de um acontecimento. Diante destas pontuações aqui expostas buscou-se valorizar a existência de uma categoria social – os velhos – com seus significados, valores, crenças, contações, ensinamentos e experiências de vida, que aparecem silenciosos e mudos diante das formas tradicionais com que se conta a história oficial do lugar.

Desta forma, defende-se o uso da História Oral não somente como método de pesquisa, mas também como uma proposta de intervenção que possibilita contar e recontar histórias vividas e presenciadas por indivíduos que as compuseram, muitas vezes, sob o anonimato de suas existências. O que chamou a atenção é o modo pelo qual o sujeito vai misturando na sua narrativa memorialista a marcação pessoal dos fatos com a estilização das pessoas e situações e, aqui e ali, a crítica da própria ideologia, ficando o que realmente significa para cada narrador testemunho aqui ouvido e narrado, no qual o passado só parece significar se em outra época, artigos, símbolos e imaginários ele recolher o alento de saber ser presente em cores, cheiros, imagens, vida.

Entre casas coloniais, coqueiros e brisa de mar.
Lembrar ou memorar?
Uns caminham por aqui e outros vieram de lá para cá.
Oportunidade de se expressar... Verbalizar! Narrar!
Carrega em cada pedaço de si um Porto de amar.
Presente que no passado sempre irão navegar.
Um modo, uma cor, um fazer, um estar.
Lágrimas, brisa, lua, um olhar, o mar.
Uma folha, uma flor, uma mãe, um pai, filhos, família, trabalho.
É regar experiências passadas, aflorar internamente e florir no presente.
São gentes que sabe ser gente.
Fronteiras do presente no passado quase ausente.
Essências de um povo contente.
Do amanhecer ao anoitecer.
Da fazenda à venda.
Da igreja à residência.
Da lavanderia à casa de farinha...
É gente sendo gente, no meio de tantas gentes.
São muros, árvores, rosas, cravos, coqueiros, exemplos de fé.
São Joãos, Marias e um bando de Josés.
É no ato do lembrar que o Porto vira mar.
Lembranças, imaginários, símbolos e significados, por onde pintar?
Farol imponente guiando diversos passos de velhos a caminhar.
Lugar simples de gente rica de esperança, amor que dá vontade de soletrar.
É sua P-O-R-T-O-D-E-P-E-D-R-A-S que os velhos cantam no olhar.

(Canto de Gente. Nikelly Ferreira Santos, 2016).

Mais do que apenas um colaborador, os velhos são coautores do processo de pesquisa. A arte da narrativa encaminha os depoentes para níveis de consciência cada vez mais profundos, possibilitando que outras formas de perceber sua atuação na história de sua vida possam transformá-lo após o processo de troca de informações e sentimentos.

Afinal, para que se faz História Oral e narrativa, se não pelo desejo e pela necessidade de ouvir histórias?

REFERÊNCIAS

BALANDIER, G. **O dédalo**: para finalizar o século XX. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1999. p.252.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. 3.ed. São Paulo: companhia das letras, 1994.

MOREIRA, V.; NOGUEIRA, F.N.N. Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. **Psicol. USP** [on-line], v.19, n.1, p.59-79, 2008. ISSN 0103-6564. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642008000100009>>. Acesso em:

SCHNEIDER, R.H.; IRIGARAY, T.Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estud. psicol.** [on-line], v.25, n.4, p.585-593, 2008. ISSN 1982-0275. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400013>>. Acesso em:

SILVA, P.R. da. Memória, história e cidadania. **Caderno do CEOM – Etnicidades**, Santa Catarina, Ano 23, n.32, p.327- 346, 2010. ISSN Eletrônico 2175-0173.

TEIXEIRA, S.M. de O. *et al.* Reflexões acerca do estigma do envelhecer na contemporaneidade. **Estud. Interdiscipl. Envelhec.**, Porto Alegre, v.20, n.2, p.503-515, 2015. ISSN: 1517-2473 (impresso) e 2316-2171 (eletrônico) Qualis Capes 2013, área interdisciplinar: B1

VELOSO, C. **Eles fazem Alagoas**. Prefeitos Municipais. Editora Jornalística Manchete dos Municípios LTDA. Pernambuco, 1986. p.489-493.

Data do recebimento: 6 de setembro de 2017

Data da avaliação: 20 de setembro de 2017

Data de aceite: 3 de Outubro de 2017

1 Graduada do Curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. Trabalho resultado de bolsa de Iniciação Científica – PROBIC/FAPEAL. E-mail: nikellyferreira@yahoo.com.br

2 Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco em 2010. Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologias e Políticas Públicas (SOTEPP) – UNIT/AL atuando na Linha de Pesquisa: Sociedade, Cultura e Narrativas. E-mail: jesanabpereira@gmail.com

